

INTERLOCUÇÕES ENTRE LITERATURA, INFÂNCIA E TERRITÓRIO: UMA LEITURA DE “A ILHA DOS GATOS PINGADOS”

INTERLOCUTIONS BETWEEN LITERATURE, CHILDHOOD AND TERRITORY: A READING OF “A ILHA DOS GATOS PINGADOS”



Júlia França de Melo

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil

juliafrancademelo@gmail.com



Gabriel Teixeira Ramos

Universidade Federal de Goiás, Cidade de Goiás, Goiás, Brasil

ramosgabriel@ufg.br

1

Resumo

Este ensaio propõe uma reflexão sobre as relações de territorialidade na infância a partir do conto “A Ilha dos Gatos Pingados”, de José J. Veiga, em diálogo com os escritos de Walter Benjamin sobre infância, experiência e espaço. O objetivo foi observar como a literatura pode expressar e problematizar as espacialidades vividas pelas crianças em contextos de conflito e exclusão. Para isso, realizou-se uma decupagem do conto, acompanhada de uma leitura crítica da bibliografia, com ênfase nos conceitos benjaminianos de experiência e empiria delicada. A análise evidenciou, na narrativa, uma perspectiva infantil sobre o território, que se configura como um microcosmo simbólico marcado por tensões entre dominação e resistência. As crianças, por meio de sua relação sensível com o espaço, revelam modos próprios de habitar o mundo, construindo significados a partir da experiência. Conclui-se que a literatura se mostra um instrumento eficaz para investigar relações espaciais e subjetivas, oferecendo subsídios para compreender como as crianças se inscrevem e atuam no território.

Palavras-chave: Campo ampliado da arquitetura. Experiência. Walter Benjamin. José J. Veiga.

Abstract

This essay proposes a reflection on territorial relations in childhood, based on the short story “A Ilha dos Gatos Pingados” by José J. Veiga, in dialogue with Walter Benjamin’s writings on childhood, experience, and space. The objective was to observe how literature can

express and problematize the spatialities experienced by children in contexts of conflict and exclusion. To this end, a breakdown of the short story was performed, accompanied by a critical reading of the bibliography, with an emphasis on Benjamin's concepts of experience and delicate empiricism. The analysis revealed, in the narrative, a childlike perspective on territory, which is configured as a symbolic microcosm marked by tensions between domination and resistance. Children, through their sensitive relationship with space, reveal their own ways of inhabiting the world, constructing meanings from experience. The conclusion is that literature proves to be an effective tool for investigating spatial and subjective relations, offering support for understanding how children inscribe themselves and act within the territory.

Keywords: Expanded field of architecture. Experience. Walter Benjamin. José J. Veiga.

Introdução

Em tempos de urbanização acelerada e transformações sociais cada vez mais intensas, a literatura se revela não apenas como reflexo, mas também como lente crítica e sensível para a compreensão das dinâmicas espaciais e existenciais que moldam o cotidiano das cidades. No Brasil, esse entrelaçamento entre ficção e realidade adquire contornos particularmente expressivos nas obras que exploram a tensão entre o urbano em expansão e o rural em decrescimento – um movimento que impacta profundamente subjetividades, paisagens e formas de habitar. É nesse contexto que se insere o presente artigo, derivado de investigações realizadas no âmbito da pesquisa de mestrado em Projeto e Cidade (FAV/UFG), intitulada “A experiência estética na paisagem literária: os contos de José J. Veiga no contexto da urbanização brasileira entre 1960 e 1999”.

Neste trabalho, voltamo-nos ao conto “A Ilha dos Gatos Pingados” (1959), de José J. Veiga, buscando compreender as relações de territorialidade ali presentes por meio das crianças que protagonizam a narrativa. Os personagens Cedil, Tenisão e o narrador constroem, ao fugir para uma ilha, um espaço de autonomia e invenção diante das violências cotidianas sofridas, principalmente, por Cedil. O episódio, embora breve, carrega camadas de sentido sobre pertencimento, exclusão e resistência, que interessam não apenas à crítica literária, mas também à leitura do urbano como campo de disputa simbólica. O conto integra a coletânea “Os cavaleiros de Platiplanto”, publicada em 1959, e compõe um conjunto de oito narrativas protagonizadas por crianças, entre os doze textos do livro de estreia do autor.

José J. Veiga, nascido em Corumbá de Goiás, em 1915, é considerado um dos principais escritores brasileiros do século XX. Com formação em Direito e trajetória profissional como jornalista e locutor de rádio, viveu entre o interior de Goiás, o Rio de Janeiro e o exterior, onde trabalhou para a BBC de Londres. Sua escrita, no entanto, mantém raízes profundas no imaginário do interior goiano, explorando, com lirismo e certo estranhamento, as tensões entre o rural e o urbano, o real e o fantástico, o individual e o coletivo. Em suas obras, o cotidiano é frequentemente atravessado pelo insólito, que desestabiliza a normalidade e evidencia questões sociais, políticas e existenciais. Essa construção narrativa aproxima sua obra

do Realismo Mágico latino-americano¹, embora com um viés introspectivo, que privilegia o olhar sensível do sujeito comum diante de transformações maiores.

Ao tomar a literatura como meio de escuta e experimentação estética, este estudo propõe um deslocamento metodológico no modo de abordar a cidade, de forma que amplia as perspectivas desse campo (Krauss, 2022). Sendo assim, os contos de Veiga, ao fabular infâncias, ilhas e territórios improváveis, contribuem para pensar a urbe por meio de suas camadas mais sutis e subjetivas.

A literatura como meio para pensar espaços

A noção de campo ampliado proposta por Krauss (2022) desloca o objeto escultórico de outras práticas como parte da produção artística. Para a autora, esse movimento não significa apenas ampliar o repertório de materiais ou técnicas, mas tensionar os limites que definem o campo, permitindo que novas proposições sejam incorporadas a ele. Posteriormente, a partir dessa discussão, Vidler (2013) reflete sobre os limites do campo da arquitetura e sugere sua ampliação para além da materialidade edificada, agregando narrativas, experiências e afetos como fatores constitutivos do projeto. O campo ampliado da arquitetura desloca, então, o foco do edifício isolado para uma trama de relações sociais, históricas e políticas que constituem o espaço urbano.

No limiar desse deslocamento, a literatura assume papel fundamental: enquanto discurso capaz de construir mundos ficcionais e evocar espacialidades diversas, ela se apresenta como método passível de investigar subjetividades – e, portanto, algumas potencialidades espaciais – que escapam aos procedimentos formais do desenho arquitetônico e do pensamento urbano. Como sugere Compagnon (2009), a literatura exerce uma “função cultural pedagógica” ao oferecer uma educação sensível que complementa, e por vezes supera, a formação teórica puramente conceitual. Segundo o autor:

¹ O Realismo Mágico funde o fantástico ao cotidiano, refletindo a complexidade latino-americana. Politicamente, permitiu críticas veladas a regimes autoritários e desigualdades sociais, valorizando culturas marginalizadas e resistindo à censura, tornando-se expressão literária e política de identidade regional (Rodrigues, 2009).

[...] a literatura auxilia no desenvolvimento de nossa personalidade ou em nossa “educação sentimental”, como as leituras devotas o faziam para nossos ancestrais. Ela permite acessar uma experiência sensível e um conhecimento moral que seria difícil, até mesmo impossível, de se adquirir nos tratados dos filósofos (Compagnon, 2009, p. 59).

Transportando essa ideia para o campo da arquitetura, o texto literário pode ser lido também como um projeto que nos apresenta modos diferentes de habitar e nos deslocar pelo espaço, possibilitando outras maneiras de pensar criticamente dentro dos estudos urbanos. A literatura, ao construir narrativas que moldam experiências sensíveis do espaço, atua como uma ferramenta crítica para repensar a cidade, desafiando modelos hegemônicos de organização urbana e revelando camadas invisíveis da vida cotidiana.

O legível e o visível, a ideia e a forma material, o mundo do pensamento e o mundo construído, as humanidades e a Arquitetura compenetraram-se de tal modo que fica impossível distinguir onde termina um campo e começa o outro. Diluídas as fronteiras dos campos e disciplinas, estes passam a fecundarem-se reciprocamente, deixarem-se contaminar uns pelos outros e adquirir novas formas geradas deste contágio (Brandão, 2005, p. 5).

5

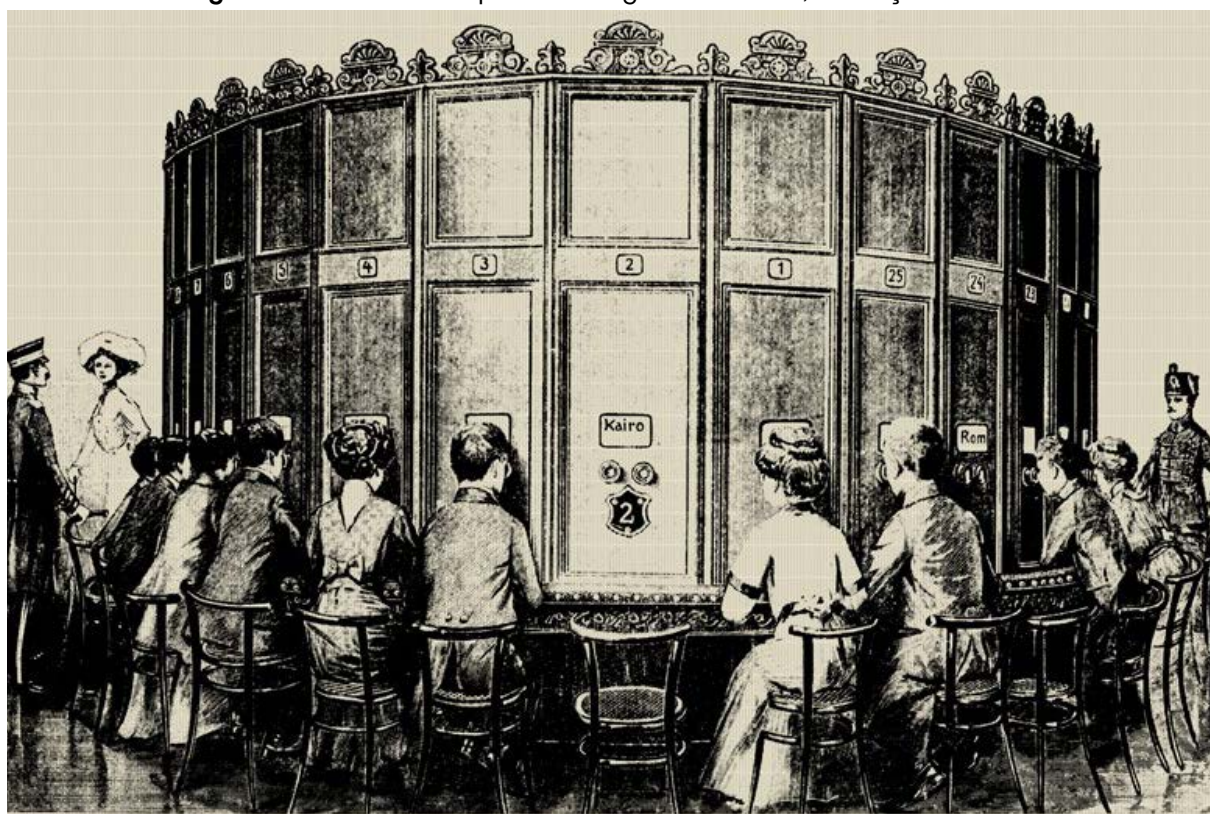
É nesse horizonte que se insere o conto “A Ilha dos Gatos Pingados” (1959), de José J. Veiga (1915-1999), cuja narrativa de infância interiorana figura como laboratório sensível para pensar espacialidades. Veiga ficou conhecido por sua prosa que mescla o cotidiano regional a elementos fantásticos, criando universos em que a normalidade se rompe subitamente, revelando tensões sociais e existenciais. Em sua primeira coletânea, “Os cavaleiros de Platiplanto” (1959), oito dos doze contos são narrados por crianças, o que evidencia seu interesse pelas vozes infantis como mediadoras de experiências espaciais autônomas. A partir dessa “experiência sensível”, podemos refletir sobre a literatura enquanto entidade produtiva capaz de contribuir para o debate das espacialidades, das subjetividades e das metodologias que atravessam o fazer arquitetônico e ampliar o que se compreende como arquitetura e cidade.

A dimensão lúdica e sensível, que aparece com frequência nos contos de Veiga, remete diretamente às reflexões de Walter Benjamin sobre a infância como experiência fundadora de um olhar não normativo sobre a cidade. Benjamin, intelectual judeu-alemão, nasceu em Berlim no final do século XIX e viveu intensamente as transformações sociais e espaciais da Europa na primeira metade do século XX. Em obras como “Rua de mão única – Infância berlinense: 1900” (1950), Benjamin apresenta a infância como um sujeito criativo, que elabora relações

singulares com o espaço através da brincadeira, da exploração e da coleta de fragmentos. Para ele, a criança revela uma forma de experienciar a cidade que escapa à lógica racional e funcional dos adultos, produzindo um microcosmo no interior do macrocosmo urbano (Benjamin, 1994).

Quando lá entrei pela primeira vez, há muito se acabara o tempo da exibição das vistas mais graciosas. No entanto, a magia, cujo derradeiro público foi de crianças, nada perdera. Assim, certa vez, quis me persuadir, em frente de uma transparência da cidadezinha de Aix, que eu já teria brincado sob a luz cor de oliva, que se derramava através das folhas dos plátanos, na larga Avenida Mirabeau, numa época que, na verdade, nada compartilhara com outras fases da minha vida. Pois isto era singular naquelas viagens, seus mundos distantes nem sempre eram estranhos, e a saudade que despertavam em mim nem sempre era um chamariz ao desconhecido, mas antes, por vezes, aquele desejo mais suave de voltar a casa (Benjamin, 1987, p. 77).

Figura 1 – Panorama imperial de August Fuhrmann, ilustração de 1880.



Fonte: Wikimedia Commons, 2025.

Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:August_Fuhrmann-Kaiserpanorama_1880.jpg. Acesso em: 15 jul. 2025.

No trecho acima, Benjamin relata sua experiência, quando criança, no *Kaiserpanorama* (Figura 1), entrelaçando, ao longo do texto-registro de mesmo nome, suas observações sobre as mudanças que ocorreram em Berlim e outras cidades, como Paris. Seu olhar é moldado por um contexto de acelerada expansão

urbana e profunda instabilidade política. A sua experiência pessoal – marcada pelo exílio e pela perseguição nazista – confere ao seu pensamento uma tensão entre memória e perda, infância e destruição. Assim, a infância torna-se, para Benjamin, uma chave crítica para pensar o espaço, destacando a importância da memória, da narrativa e do jogo como formas de resistência à homogeneização do mundo moderno.

De modo semelhante, Veiga (2021) constrói, em “A Ilha dos Gatos Pingados”, uma narrativa na qual a fuga dos meninos para a ilha constitui um gesto de invenção espacial e resistência à opressão cotidiana. Assim como em Benjamin, a infância, na literatura de Veiga, é compreendida como uma potência criativa e crítica, capaz de instaurar espacialidades alternativas e modos outros de habitar, desafiando normas e convenções impostas pelo mundo adulto. Benjamin afirma que:

As crianças, com efeito, têm um particular prazer em visitar oficinas onde se trabalha visivelmente com coisas. [...] Nesses detritos, elas reconhecem o rosto que o mundo das coisas assume para elas, e só para elas. [...] Assim, as próprias crianças constroem seu mundo de coisas, um microcosmos no macrocosmos (Benjamin, 1994, 238).

7

Para o autor, esse engajamento com “detritos” e “resíduos” não é gesto infantil fortuito, mas uma forma de projetar espacialidades inéditas, descoladas das normas adultas. No conto de Veiga, a ilha de areia é precisamente esse espaço de “detritos” naturais em que as crianças tecem uma arquitetura feita de tocas, esconderijos e trilhas, ainda que reproduzam, na brincadeira, alguns elementos presentes no cotidiano da vila e da casa dos pais:

Fizemos monjolinho de gameleira, é fácil de torar e furar, pilava à toa o dia inteiro, quando a gente ia embora escorava ele levantado como monjolo² de verdade. Fizemos usina de luz com represa, casa de turbina, poste subindo e descendo morro, copinho de isolador, fio e tudo [...] (Veiga, 2021, p. 17).

A violência que impulsiona a fuga dos meninos evidencia também a dimensão política dessa construção espacial: ela é um gesto de resistência contra a opressão adulta, um ato de reapropriação do território para afirmar o direito à infância, ainda que de forma inconsciente para aquelas crianças. Nesse sentido, o prefácio de Silviano Santiago à edição de “Os cavaleiros de Platiplanto” (Veiga, 2015, p. 9-24) sublinha o papel ativo da criança em “[...] domesticar por conta própria as

2 Máquina rudimentar movida pela força da água, geralmente feita de madeira maciça e utilizada para moer grãos.

divergências e os entraves criados no ambiente familiar e na vida comunitária” (Veiga, 2015, p. 9-10).

Assim como Benjamin discorre sobre a experiência urbana, Veiga demonstra isso por outro viés da literatura, tratando de uma realidade ficcionalizada da infância que expõe as práticas e as perspectivas dos meninos. Em sua obra, os personagens Cedil, Tenisão e o narrador – cujo nome não é revelado no texto – não apenas transitam pelos espaços de uma cidade interiorana, mas constroem, a partir de suas experiências infantis, uma cartografia afetiva e simbólica que revela práticas cotidianas, formas de sociabilidade e estruturas de poder invisíveis aos olhos adultos. Essa abordagem não se limita à idealização da infância, mas a utiliza como recurso narrativo para tensionar o real e evidenciar os mecanismos de formação subjetiva em um espaço específico.

Sob uma perspectiva benjaminiana, lemos o texto de Veiga e percebemos que a postura das crianças frente às suas experimentações espaciais cotidianas, ainda que em um contexto muito menos urbanizado, aproximam-se de uma empiria delicada (*Zarte Empirie*):

Num conceito de experiência, [...] a empiria delicada é justamente a condição de possibilidade do conhecimento cotidiano dos lugares de uma cidade; dito em outros termos, para o residente urbano a empiria, na medida em que implica reflexão, é condição de narração e crítica da cidade quando ela emerge para o habitante num movimento de reconhecimento mútuo (Velloso, 2023, p. 34).

Essa atenção sensível ao cotidiano faz com que os meninos do conto tenham uma experiência espacial profunda, em relação tanto aos acontecimentos positivos quanto às marcas da opressão e das violências sofridas. O olhar curioso por descobrir o mundo acaba promovendo a reflexão, e esse movimento de pensar, de se debruçar sobre um problema e observá-lo inúmeras vezes é o que cria o desejo de construir um outro universo, livre daquele sofrimento que um dos meninos sofria. Segundo Velloso (2023, p. 34), essa empiria delicada é o que mobiliza a “[...] capacidade de analisar concretamente os fenômenos [...]” em um contexto de impressões breves e superficiais que, por mais que deslocadas do contexto urbano em que Benjamin estava inserido quando relatou o que se tornaria uma chave de sua teoria sobre a experiência, revelavam um afastamento entre o microcosmos infantil e o meio adulto.

José J. Veiga e “Os Cavalinhos de Platiplanto” (1959)

A coletânea “Os cavalinhos de Platiplanto” (1959), que engloba o conto decupado neste trabalho, inaugura a carreira literária de Veiga com uma proposta narrativa inovadora para o Brasil da época. Longe de regionalismos descritivos³ ou da literatura engajada direta⁴, Veiga propõe uma leitura do país a partir do absurdo e da fabulação, introduzindo questões que se relacionam com o autoritarismo, o medo, a infância e a opressão social. Nesse contexto, “A Ilha dos Gatos Pingados” se insere como um conto que articula a dimensão espacial e emocional da infância com tensões sociais e familiares que se fazem presentes de forma implícita, mas contundente.

A ideia de brincar na ilha começou um dia que Cedil andou fugido de casa por causa do namorado da irmã. Ele sofria muito, todo rapaz que namorava Milila achava de mandar nele, ele nem podia brincar direito, vivia vigiado (Veiga, 2021, p. 13).

No conto, acompanhamos a trajetória de três crianças que, diante do sofrimento do amigo Cedil nas mãos de um padrasto violento, decidem fugir para uma ilha no meio do rio, criando ali um espaço autônomo e provisório onde podem existir fora do alcance da autoridade adulta. Essa fuga não é apenas física, mas simbólica: a ilha representa a possibilidade de construção de um território outro, onde as normas são reconstruídas a partir do olhar e da experiência das crianças. A configuração do espaço insular carrega em si a metáfora do refúgio, da utopia e da resistência – temas importantes dos estudos urbanos.

A territorialidade, nesse conto, se constitui de modo espontâneo, sensível e colaborativo. A ilha, que antes era um espaço aparentemente irrelevante na paisagem do vilarejo, transforma-se em lugar de pertencimento e reinvenção. Por meio da vivência das crianças, vemos surgir um espaço que se opõe ao da

3 Na literatura, o Regionalismo Descritivo caracteriza-se pela valorização minuciosa de elementos locais: paisagens, sotaques, costumes, flora, fauna, tradições e modos de vida regionais, retratando o ambiente cultural, geográfico, linguístico e histórico (Araújo, 2006). “Os Sertões” (Cunha, 2003) e “Vidas Secas” (Ramos, 2013) são exemplos de obras com essas características.

4 Na Literatura Engajada, o autor aborda de forma explícita questões sociais, políticas ou éticas, com o objetivo de denunciar injustiças, mobilizar consciências e provocar ação no leitor, com uso de linguagem elucidativa e proposições contundentes em vez de metáforas e simbolismos velados (Perrone-Moyses, 2023; Souza, 2022). Exemplos desse tipo de literatura são “Poema Sujo” (Gullar, 2016), escrito durante o exílio do autor na Argentina na década de 1970, e “Olhos d’água” (Evaristo, 2016) e “Becos da Memória” (Evaristo, 2017), que, a partir do que a autora chamou de “escrevivência”, relatam experiências silenciadas e apagadas de grupos marginalizados, em especial, de mulheres negras, e denunciam as violências do cotidiano..

casa – marcada pela violência e pela hierarquia – e ao da cidade – regida por normas e expectativas adultas. O gesto de fuga para a ilha, portanto, é também uma crítica velada a uma estrutura social que naturaliza o sofrimento infantil e ignora as subjetividades das crianças.

Quando eu vinha da escola encontrei Cedil sentado no parapeito atrás da igreja com as pernas todas lanhadas, chorando e riscando a pedra com um carvão. Não estava pintando nem escrevendo nada, era só rabisco. Perguntei por que não tinha ido à escola, respondeu que não ia mais, nunca mais [...] (Veiga, 2021, p. 15).

A literatura de José J. Veiga, especialmente em seus contos narrados por crianças, revela uma sensível escuta das infâncias enquanto modos de ser e estar no mundo. Como aponta Socorro Acioli (Veiga, 2021, pp. 503-512) há uma honestidade pungente na voz desses narradores mirins, que relatam acontecimentos ora felizes, ora permeados por um mal-estar, uma tristeza difusa, como se a inocência estivesse sempre à beira de ser rompida: “[...] a vida corria em paz até que, em um determinado dia, a tranquilidade foi suspensa. A partir disso, tudo muda” (Veiga, 2021, p. 503). Essa suspensão do cotidiano é, no caso de “A Ilha dos Gatos Pingados”, a agressão contra Cedil – um estopim que transforma o curso dos acontecimentos e leva os personagens a recriar, por meio do jogo e da fuga, novas formas de existência.

Com isso, o conto se torna uma potente ferramenta para pensar as relações entre infância e espaço, especialmente no campo dos estudos urbanos e da arquitetura. A sensibilidade espacial das crianças, suas formas de apropriação e de resignificação do território, indicam possibilidades de análise que extrapolam os parâmetros técnicos ou normativos do urbanismo tradicional. Quando Cedil, Tenisão e o narrador constroem sua ilha, ainda que por tempo limitado, eles acionam uma lógica de espaço que é afetiva, relacional e ética – em oposição ao espaço disciplinar da casa ou ao espaço impessoal da cidade.

A obra de Veiga propicia reflexões valiosas para ampliar o campo da arquitetura e urbanismo, sobretudo ao nos lembrar que os espaços urbanos não se constituem apenas a partir de projetos formais, mas também pelas experiências vividas, pelas narrativas que neles se inscrevem e pelas subjetividades que os habitam. A partir da leitura de “A Ilha dos Gatos Pingados”, é possível investigar como o espaço pode ser suporte e agente de transformação social, e como a literatura pode ser um

caminho para ampliar a escuta de vozes que frequentemente são silenciadas nos discursos técnicos – como as das crianças.

Em suma, ao lançar luz sobre as relações entre infância, violência e espacialidade, o conto de José J. Veiga se mostra um campo fértil para os estudos da cidade. A fuga para a ilha não é apenas um deslocamento geográfico, mas também uma afirmação de existência. As crianças, ao se apropriarem de um território, reconfiguram sua realidade e, com isso, sugerem que outras formas de viver e conviver são possíveis. É nesse gesto de imaginar – e de realizar, ainda que momentaneamente – um espaço outro, que reside a força política e poética da narrativa.

Ao diversificar as formas de narrar e representar a cidade, amplia-se o repertório de experiências, sujeitos e perspectivas incluídos no debate urbano, favorecendo leituras mais plurais, sensíveis e inclusivas. Essas narrativas alternativas não apenas revelam realidades silenciadas, mas também criam ideais de cidades comprometidas com a diferença, ativando a potência política da imaginação como forma de reinvenção do espaço urbano.

11

A ilha como sinônimo da liberdade

A infância que aparece nas obras de José J. Veiga não é sempre uma fase feliz, passível de grandes sonhos, mas lida também com as dores da perda, do remorso, e com a dor física. A frustração e sensação de insegurança se fazem presentes diante de uma realidade em que ninguém é capaz de proteger Cedil dos castigos de Zoaldo, tampouco sua mãe, que aparece sempre rezando pelo filho, mas sem intervir nas agressões.

Cedil correu pedindo o socorro da mãe, Zoaldo atrás dando cabrestada. **A mãe de Cedil correu para o quarto, fechou a porta e ficou rezando tão alto que de fora se ouvia** (Veiga, 2021, p. 15. grifo próprio).

Diante dos desconfortos e das violências, surge a ideia de os garotos irem para a ilha brincar. Era um amontoado de areia no meio do rio que passava perto do povoado em que moravam, ficava escondido em meio à mata e, para os meninos que buscavam liberdade, era o lugar perfeito para serem crianças: “[...] o melhor lugar era a ilha. Lá ninguém ia, o mato era fechado na beira da água, mas varando o mato o resto era limpo, dava muito cará e sangue-de-cristo.” (Veiga, 2021, p. 16).

Celso Sisto, escritor e crítico literário, chama atenção justamente para a questão da espacialização dessa liberdade, longe das repressões dos adultos:

[...] a questão espacial perceptível já mesmo nos títulos: **A Ilha dos Gatos Pintados, A usina atrás do morro, Os cavalinhos de Platiplanto, Os do outro lado, Fronteira, A Invernada do Sossego**. Dos oito contos narrados por narradores crianças, seis falam de “um outro lugar” (que não é o lugar em que o narrador está, mas para o qual irá ou terá acesso), e são contos em que predomina a questão espacial, em que o elemento espaço da ação adquire uma enorme relevância para a narrativa (Sisto, 2009, p. 151. grifo do autor).

De maneira similar, Silviano Santiago aborda uma imagem da repressão sofrida pelas crianças no conto, em especial pelo menino Cedil: “A liberdade e os folguedos infantis escoam pelas mãos como a areia branca que margeia os rios interioranos do Brasil” (Veiga, 2015, p. 12). Entendemos a liberdade, no universo de Veiga, como a possibilidade de existir enquanto criança. Percebemos isso quando o narrador pontua que “Cedil tinha esquecido a contrariedade, tinha brincado e dado risada [...]” (Veiga, 2021, p. 16) a partir da construção de outra espacialidade.

Quando Vidler (2013) discute o campo ampliado da arquitetura, ele argumenta que devemos assumir as práticas discursivas e narrativas como parte fundante de uma outra metodologia que incorpora subjetividades ao processo projetual e à pesquisa nesse campo transdisciplinar. Podemos entender a ilha, nesse caso, como um resultado desse processo, ainda que informal e efêmero.

Além disso, o diálogo entre Benjamin e Veiga nos mostra como a experiência sensível e a fabulação literária se complementam para revelar novos horizontes de investigação espacial. Benjamin, em “Rua de mão única” (1987) experimenta a escrita como cartografia de impressões urbanas, deslocando as ideias convencionais de tempo e de espaço. Veiga, por sua vez, propõe ficções que revelam os entremeios da vida no interior goiano – os ritos, mitos e geografias do banal transformadas em palco das experiências e utopias infantis.

Conclusão

Diante da impossibilidade de vivenciar a infância sem sofrer violência por parte dos adultos, a construção de um novo espaço se apresenta como a única alternativa possível para o grupo de meninos do conto, funcionando como uma forma de resistência e reconfiguração simbólica do território vivido. Essa criação de um

espaço próprio, afastado das imposições e violências do mundo adulto, não apenas evidencia a agência das crianças diante das adversidades, mas também permite identificar, por meio da literatura, como se dão as relações da infância com as espacialidades, observando-se como essas se desenvolvem, se modificam e se estabilizam a partir das experiências subjetivas descritas nas narrativas.

A obra de Veiga, ao apresentar um menino como narrador participante, propicia uma imersão no ponto de vista infantil, inserindo o leitor diretamente na percepção da criança e permitindo uma compreensão mais sensível e singular da configuração espacial ali representada. Nesse sentido, o relato não apenas oferece elementos para a análise literária, mas também provoca uma reflexão sobre a maneira como o espaço é vivido, percebido e ressignificado na infância. Assim, reafirma-se a potencialidade da literatura enquanto aparato metodológico para estudar o espaço e a experiência espacial, ao privilegiar olhares múltiplos e perspectivas sensíveis, constitui-se como uma via fecunda para ampliar o campo da arquitetura por meio de abordagens transdisciplinares, permitindo o diálogo entre saberes distintos e a construção de metodologias mais abrangentes, condizentes com a pesquisa na contemporaneidade.

Referências

ARAÚJO, Adriana de Fátima Barbosa. O regionalismo como outro. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea (Online)**, Brasília, Brasil, v. 28, p. 113-124, 2006. ISSN: 1518-0158. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=323127091009>. Acesso em: 27 dez. 2025.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: Ensaio sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. A pré-história da transdisciplinaridade: a construção do saber em Alberti e Leonardo. In: Colóquio CBHA, 24., 2004, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Salvador: Comitê Brasileiro de História da Arte, 2005. Disponível em: <http://www.cbha.art.br/coloquios/2004/anais/anais2004.html>. Acesso em: 7 jul. 2025.

CARMO, Alison Jorge Alves do; LEITE, Maria de Jesus de Britto. Arquitetura e Urbanismo, saber/fazer transdisciplinar? **Risco Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (Online)**, São Carlos, Brasil, v. 19, p. 1–15, 2021. DOI: 10.11606/1984-4506.risco.2021.183503. Disponível em: <https://revistas.usp.br/risco/article/view/183503>. Acesso em: 7 jul. 2025.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Nova Cultural, 2003.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'Água**. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

GULLAR, Ferreira. **Poema sujo**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

KRAUSS, Rosalind. A escultura no campo ampliado. **Arte e Ensaios**: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais (EBA/UFRJ), Rio de Janeiro, v. 17, n. 17, p. 128–137, abr. 2022. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/issue/view/2060>. Acesso em: 03 jul. 2025.

PALLASMAA, Juhani. **Habitar**. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Literatura engajada. **Revista Criação & Crítica**, São Paulo, Brasil, n. 35, p. 370–383, 2023. DOI: 10.11606/issn.1984-1124.i35p370-383. Disponível em: <https://revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/212813>. Acesso em: 27 dez. 2025.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 120. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

RODRIGUES, Milton Hermes. Antecedentes conceituais e ficcionais do realismo mágico no Brasil. **Revista Letras**, [S. l.], v. 79, 2009. DOI: 10.5380/rel.v79i0.15911. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/15911>. Acesso em: 27 dez. 2025.

SISTO, Celso. Um outro lugar para estar: o espaço mágico dos meninos de J. J. Veiga. **Travessias**, Cascavel, v. 3, n. 3, 2009. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3431>. Acesso em: 26 ago. 2023.

SOUZA, Jaqueline Gomes de. **A literatura engajada de Conceição Evaristo: eixos interseccionais**. 2022. 31 f. Monografia (Especialização) – Curso de Especialização em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Texto, Faculdade de Letras (Fale), Universidade Federal de Minas

Gerais, Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1843/46703>. Acesso em: 27 dez. 2025.

VEIGA, José J. **Os cavaleiros de Platiplano**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

VEIGA, José J. A estranheza domesticada. [Entrevista concedida a] Fábio Weintraub, Sérgio Cohn, Ruy Proença. In: Sérgio Cohn (Org.). **Azougue 10 anos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Azougue, 2004, v. 01.

VEIGA, José J. **Contos reunidos**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021. Posfácio de Socorro Acioli.

VELLOSO, Rita. Empiria Delicada. **Pixo - Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade**, v. 7, n. 25, p. 22-49, 7 jul. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.15210/pixo.v7i25.6681>. Acesso em: 14 jul. 2025.

VIDLER, Anthony. O campo ampliado da arquitetura. In: SYKES, A. Krista (Org.). **O campo ampliado da arquitetura**. São Paulo: Cosac & Naify, 2013. p. 242-251.

15

NOTA

Financiamento

Apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Programa de Pós-graduação em Projeto e Cidade. Publicação no Portal de Periódicos UFG.

As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

RECEBIDO EM: 15/07/2025

APROVADO EM: 17/12/2025

PUBLICADO EM: 31/12/2025